



FACONNECT / A CASA TOMBADA

Kaliana Oliveira da Hora

Casacast “Conta, preta! Conta!”: relato de um experimento.

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu **NARRAÇÃO ARTÍSTICA: CAMINHOS PARA CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO URBANO** apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em **NARRAÇÃO ARTÍSTICA**, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno e da Profa. Ms. Letícia Liesenfeld Erdtmann, com co-orientação de Ananda Luz, Yohana Ciotti e Luciene Mota.

Ilhéus - BA- 2023

Resumo

Casacast Conta, preta! Conta! relata a experimentação e produção de edições de áudio que possuem a pretensão de serem futuramente alocados em plataformas digitais. A *Casacast* ou proposta de podcast ampara-se em estudos sobre oralidade, literatura preta, tecnologias digitais e educação antirracista e tem como público negros, ativistas, escritores e educadores antirracista. Durante a leitura do relato, é possível conhecer o percurso teórico e metodológico que permitiu a realização do trabalho.

Palavras-chave: escritoras negras; podcast e oralidade.

1. Introdução

Quando ingressei no Curso de Especialização *Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano*, queria aprender a contar histórias. Desejava potencializar o meu fazer como educadora. Já era uma educadora antirracista, cronista, contista e criadora de conteúdo digital no *Instagram* e *Facebook* @contapretaconta. Queria ser uma educadora antirracista que conta.

Depois, não era somente sobre narrar histórias. No curso aprendi a contar ouvindo os outros e a mim. E de tanto me ouvir, elaborei a seguinte pergunta: como narrar histórias de mulheres negras e escritoras? Pensei em aliar a contação, a literatura preta e o digital. Decidi elaborar um podcast que, na sua primeira série, narra a trajetória de escritoras negras no Litoral sul da Bahia. Abracei o que gosto de fazer: multiplicar vozes para alcançar ainda mais pessoas, construir e preservar memórias e tornar públicas para mais pessoas narrativas do povo preto.

Durante o ato de pesquisar, escrever e conversar, as perguntas não cessavam. Indaguei: por que um podcast? As tecnologias digitais podem e devem ser usadas para que jovens, mulheres e negros possam se ouvir, escutar experiências negras e conhecer práticas educacionais antirracistas. Sobretudo, quando o podcast tem sido empregado como uma tecnologia digital em sala de aula ou concebido como ferramenta educativa em espaços extra- escolares

“O que ocorre – e que chama a atenção em uma discussão educacional sobre gêneros discursivos, é, em primeiro lugar, que o podcast, que surge sem um intuito pedagógico inicial, cedo já começa a ser utilizado, fora de um contexto escolar/acadêmico, para relações de ensino e de aprendizagem (FERREIRA; VILLARTE- NEDER, 2020, p 37.)

Além disso, conforme o DataReportal (2023), o nosso país é o território que mais consome conteúdo via podcast no mundo. Para ter uma ideia, 42,9% dos brasileiros entre 16 e 64 anos escutam podcast toda semana. Diante dos dados, considero uma estratégia inteligente ocupar o digital elaborando narrativas negras e antirracistas, bem como visibilizar tecnologias ancestrais de existência e reexistência.

Um arquivo oral disposto em uma plataforma pode ser acessado repetidas vezes e a qualquer hora por anos. Seria o ato de narrar histórias no podcast uma forma de democratizar o acesso e preservação da memória e da oralidade? Quais as atualizações no ato de narrar história em um podcast? Quais as diferenças? Antes de me debruçar sobre as questões, apresento como pensei o podcast ou *Casacast Conta, preta! Conta!*

2. A casacast Conta, preta! Conta!

2.1. Público

Negros, ativistas, escritores, educadores antirracistas e demais interessados.

2.2. Objetivos:

- Divulgar autorias negras do sul da Bahia
- Ser espaço de nutrição para escritores e escritoras negras.
- Compartilhar repertório literário com educadores e educadoras antirracistas
- Colaborar com o letramento racial dos ouvintes

2.3. Por que um podcast que entrevista escritoras em sua primeira série?

Por ser uma mídia alternativa que pode potencializar narrativas de comunidades resistentes à construção de estereótipos e discriminações, tecendo histórias de denúncia e produção de imaginários capazes de sensibilizar, educar e partilhar histórias negras sob a perspectiva de pessoas negras.

Conceição Evaristo, quando comenta que nossas histórias não serão contadas para ninar os pertencentes à Casa Grande, mas sim para acordá-los de seus sonhos injustos, revela: nossas narrativas não serão servis a um projeto hegemônico de

subalternização e inferiorização da população negra e serão contadas à luz das nossas escrituras:

em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também[...] E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escritura não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos (EVARISTO, 2020, p.30)

Segundo bell hooks,

“uma das formas de nos tornarmos uma comunidade de aprendizagem é compartilhar e receber as histórias uns dos outros; é um ritual de comunhão que abre nossas mentes e nossos corações. Quando compartilharmos de formas que contribuem para nos conectar, conhecemos melhor uns aos outros (HOOKS, 2020,p.92)

Compartilho com as convidadas da primeira série do podcast o território, a cor, a escrita como lugar de experiência individual e coletiva do povo negro no litoral sul da Bahia. Tenho como expectativa refletir sobre a rede de aprendizagens que tecemos e aprender sobre as histórias que elas percebem e criam.

“Na comunidade global, a vida é sustentada por histórias. Uma forma poderosa de nos conectar com o mundo diverso é ouvindo diferentes histórias que nos contam. Essas histórias são o caminho para o saber. Portanto, elas contêm o poder e a arte da possibilidade. Precisamos de mais histórias. (hooks, 2020,p.94).

Inclusive, de histórias que lembram o que o racismo insiste em apagar, pois, como diria o artista ilheense, José Delmo, na reportagem Palmas concedida ao site *Diário da Bahia* em setembro de 2017, “se não vigiarmos a vida, eles escreverão a história e o futuro poderá neles acreditar. Ainda bem que existe o artista que canta o povo: suas dores e suas alegrias, seus temores e sua fé”.

As histórias narradas na primeira série, pertencem a mulheres que se apropriaram da literatura oral e escrita. Conceição Evaristo, na entrevista *Nasci rodeada de palavras, publicada no site Escrevendo o Futuro*, comenta como a sua escrita tem como repertório livros acessados na adolescência, os contos orais e as fabulações aprendidas com a mãe. Na *Casacast*, as escritoras comungam da tradição

oral vivenciada na família, no terreiro ou nos slams. Além disso, o podcast convida as escritoras a falarem sobre suas escrevivências.

Segundo Ba(2010), a palavra tem em si o poder, o querer e o saber. Acredito em espaços circunscritos por aquelas que, não sendo detentoras de poderes hegemônicos, criam táticas de subversão. Elas expressam o poder de narrar histórias, o desejo por uma sociedade mais inclusiva, o conhecimento sobre fazeres e saberes da população negra. Ainda segundo o Ba, a palavra constrói e destrói. Veremos o que a palavra experienciada pelas entrevistadas vem a construir ou destruir. Uma citação de Ba, me acompanhará durante as partilhas de histórias:

“ A fala é, portanto, a materialização da cadência. E se é considerada tendo o poder de agir sob os espíritos, é porque sua harmonia cria movimentos, movimentos que geram forças, forças que agem sobre os espíritos que são, por sua vez, a potência da ação”.(Bá, 2010, p. 176)

2.4. As entrevistadas

Cynthia Barra



Fotografia do acervo pessoal da autora

Conheci Cynthia Barra durante uma oficina de livros artesanais no Terreiro Matamba Tombeci Neto realizada na cidade de Ilhéus - Bahia em 2018. Desde lá, temos trocado afetos, partilhado experiências e conhecimentos acadêmicos.



Na imagem à esquerda, registro meu e da educadora Thayslane Lopes durante a realização da oficina. Na imagem ao centro, registro do livro artesanal coletivo. Na imagem à direita, mais um registro da oficina.

Fotografia do acervo pessoal da ministrante da oficina, Juliane Matarelli.



Lançamento do livro artesanal, de minha autoria, *Solar no Azul do Mar*, realizado na biblioteca comunitária -Cabaré do Livro- em 2018. Na imagem, à minha esquerda vemos Cynthia Barra e à minha direita vemos a educadora, atriz e idealizadora da biblioteca, Valdiná Guerra.

Fotografia do meu acervo pessoal

Cynthia Cy Barra possui uma longa trajetória como escritora, editora e pesquisadora dos estudos decoloniais, mas no nosso encontro focarei no seu trabalho mais recente: a coordenação editorial da série de livros eletrônicos - *Transfluência: Ensino, gênero e relações étnico-raciais* do Programa de Pós Graduação em Educação e Relações Étnico-raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) publicado pela *Editus* da Universidade Estadual de Santa Cruz e disponíveis na plataforma *Scielo*.

Os livros eletrônicos são: *Leia-me negras - insurgências afroafetivas na prática pedagógica* de autoria de Fátima Santana Santos; *Ficção do ser: o lugar das bichas pretas na escola escrito por Kauan Almeida*; e *Racismo religioso em escolas da Bahia: autoafirmação e inclusão de crianças e jovens de terreiro escrito por Ademar Cirne*; *Volta miúda: quilombo, memória e participação escrito por Raíssa Félix*; e *As nagôs estão na rua com prazer e alegria: uma cartografia afro-baiana de Belmonte*.

Luzi Borges



Fotografia disponível no Instagram da autora

Não me recordo quando conheci Luzi Borges, *professora na Universidade Estadual de Santa Cruz* e atual diretora de políticas públicas para Povos de Terreiro do Ministério da Igualdade Racial. Guardo comigo memórias marcantes de alguns encontros: festa no *Matamba Tombeci Neto*; ter aceito o convite de participar da *Roda de Conversa As minas pretas tecendo redes de autocuidado e afeto no Sul da Bahia*, realizada no Ginásio de Esportes do Banco da Vitória, em Ilhéus-BA, durante o Julho das Pretas de 2019 promovido pela AMATA - Associação Mantenedora do Terreiro de Odé Aladê e UESC; e compor a mesa *Corpos Diaspóricos Femininos* no evento promovido pela Secretaria de Educação de Ilhéus -SEDUC-Ilhéus em 2020.



Participam da mesa Corpos diáspóricos femininos Luzi Borges(primeira à esquerda), Kali Oliveira(segunda à esquerda), Letícia Santana (no centro da imagem) e Ticiania Belmonte à direita.

Sua pesquisa sobre ativismo de jovens candomblecistas nas redes sociais possuem em comum com a construção do podcast o ciberativismo e o antirracismo, sendo as reflexões sobre o tema mais um ponto de encontro entre nós.

Ana Lúcia



Fotografia do acervo pessoal da autora

O meu primeiro contato com Ana Lúcia se deu em 2019, quando a escritora agendou a compra da obra coletiva: *Negras crônicas - escurecendo os fatos*. Depois, encontrei Ana Lúcia em um seminário na *Universidade Estadual de Santa Cruz*. Ela apresentava uma belíssima comunicação sobre a escritora, Maria Firmina Reis.

Fomos nos aproximando via redes sociais. Adquiri seu primeiro livro, *Gritos, Ecos e Sussurros*. Conheci uma poesia preta forte e criativa como é a juventude expressa em Ana Lúcia. Estou ansiosa para ler sua dissertação de mestrado sobre Maria Firmina dos Reis.

Maria Luíza



Fotografia do acervo pessoal da autora

Maria Luíza é jovem também. Vi performance da artista em *Slams*. Em 2021, ela me convidou para falar sobre escritoras negras durante lançamento do livro que estreou como coautora. A obra foi publicada pela *Editora Mondrongo* na coletânea *Retalhos à beira: florilégio poético*. No mesmo ano, ministrei a oficina de Escrita Criativa Antirracista, na modalidade virtual, à convite de Maria Luíza. As duas atividades faziam parte do *Coletivo Invasão Cultural* e foram patrocinadas pela *Lei Aldir Blanc*.

Tereza Sá



Fotografia do acervo pessoal da autora

Conheci Tereza Sá, mulher alvenaria como gosta de ser chamada, no dia que ela recebeu o Troféu Mãe Ilza do Terreiro Matamba Tombeci Neto em Ilhéus-Ba. Depois, tornei-me uma das escritoras pesquisadas por Terezinha durante o mestrado em *Educação e Relações Étnico-raciais da UFSB*. No ano de 2020, a pesquisa resultou no memorial: *a escrita de mulheres negras no Sul da Bahia - uma poética dissidente de resistência em ancestralidade* e na série de livros: *Ecos ancestrais em vozes negras*.

Elisa Oliveira



Fotografia do acervo pessoal da autora

Conheci Elisa Oliveira, escritora de livros didáticos de filosofia e literários e via redes sociais. Um dia, ela solicitou uma resenha do livro artesanal *Solar no Azul do Mar* para postar no Instagram @e.l.i.s.a.oliveira. Em comemoração ao dia do livro, ela homenageou escritoras regionais. Em 2022, a autora participou da oficina Mulheres com a Escrita; eu mediei a mesa *A arte e a vez de escrever para crianças* na *Feira Literária de Ilhéus (FLIOS)*. Elisa estava presente na mesa. No mesmo ano, a autora mediu a mesa *Memória e Oralidade* na *Feira Literária de Serra Grande (FLISG)*, na qual eu era participante.



Da esquerda para direita estão presentes na FLISG as escritoras, Liz Fernandes Luzi Del Mar, Kali Oliveira e Elisa Oliveira./ Fotografia disponível no Instagram @flisgserragrande.

Rita Santana



Foto do acervo pessoal da autora

Só tive a honra de conhecer Rita Santana na *Feira Literária do Sul da Bahia-FLISBA* em 2022. Compus uma mesa posterior a mesa que ela participou. Quis saber mais sobre ela. Desde então, anseio por uma conversa com a escritora via podcast. Rita Santana é contista, poeta, e graduada em Letras com habilitação em Língua Francesa pela UESC. Publicou seus contos no *Diário da Tarde de Ilhéus*, e no *Caderno Cultural À Tarde* de Salvador, coordenou o *Projeto Universidade em Verso* na UESC, é autora do livro de contos *Tramela* e do livro de poesia *Tratado das Veias*, coautora da antologia *Mão Cheia* e do *Dicionário de Autores Baianos* da Secretaria de Cultura.

3. O fazer...

A definição de público, objetivos, motivações, mapeamento das escritoras entrevistadas e leitura dos escritos das autoras orientaram a produção dos roteiros de entrevista. Até o momento, entrevistei Ana Lúcia, Maria Luíza, Tereza Sá e Elisa Oliveira. Como experimento, editei, com auxílio técnico de Victor Ismael e Fernanda Cavalcanti de Melo, as gravações. `Preciso editar as entrevistas já realizadas e elaborar roteiro de entrevista para Luzi Borges, Cynthia Barra e Rita Santana. Farei isso e mais um pouco em outro momento.

A experiência tem mostrado como é árduo e difícil realizar um projeto de maneira independente e com poucos recursos. Desejo captar recurso via edital para contratar alguns serviços, otimizar o tempo e tornar o trabalho mais tranquilo. Há também chances de ampliar o território de pesquisa e conhecer trajetórias negras do estado ou do Nordeste.

As entrevistas foram realizadas à distância via aplicativo *Podcasters*. A ausência de um estúdio e de uma internet mais qualificada são perceptíveis quando um som externo é registrado na nossa conversa ou há uma falha na comunicação. Foram dos sons externos que captei a ideia: o meu podcast é uma *casacast*, por isso tudo acontece de forma muito doméstica.

Selecionei uma das entrevistas para experimentação do que seria o podcast. Tomei como exercício o hábito de ouvir a entrevista de Ana Lúcia. Perguntei-me: como editar os áudios de um podcast elaborado como parte de um trabalho de conclusão de curso em *Narração Artística e/ou como narrar histórias de mulheres negras durante a conclusão do trabalho?*

Ananda Luz, em uma das rodadas de leitura coletiva dos nossos projetos, sugeriu a criação e a contação de histórias sobre a vida das entrevistadas. Inclusive, justificou a sugestão considerando que, por vezes, mesclo saberes da Arte e da História Pública para visibilizar histórias de mulheres negras como no *Céu de Carol*, livro de encontro entre Carol e Carolina Maria de Jesus e os desdobramentos do trabalho de educadores com a obra. De início, hesitei, mas aceitei contar um caso sobre a primeira entrevista editada. Comentarei essa ação mais tarde. Por hora, acho pertinente falar sobre História Pública, já que não é um termo comum a todos os leitores e leitoras.

A História Pública, conforme Frisch (2016), é erroneamente entendida , como a geração de produtos da História Pública comunicada por historiadores para um grupo de consumidores. O pesquisador reconhece diferenças na maneira de interpretar o passado, mas declara que na História Pública e na História Oral

“ nós não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos autores-historiadores. Em vez disso, o processo de interpretação e construção de significados, é por definição compartilhado(FRISCH, 2016, p.60).

Michael Frisch, usa tecnologias digitais para tornar as entrevistas acessíveis e úteis para a pesquisa, o envolvimento cívico e comunitário. As entrevistas são dispostas sem corte na plataforma ou na cozinha digital, qualquer pessoa pode acessar o sumário da entrevista e escutar o que quiser. Sobre a sua proposta, ele declara:

“Profissionais e usuários podem, juntos, ‘fazer bagunça na cozinha’, citando ,uma velha canção de blues. Podemos encontrar coisas nos armários e nas cristaleiras da história oral e fazer bagunça com os significados que encontramos nelas, vendo o que é que podemos cozinhar, juntos, para qualquer pessoa que pudesse estar sentada esperando na sala de jantar” (FRISCH, 2016,p. 65)

No encontro com a leitura do trabalho de Michael Frisch, quis narrar histórias e dar significados a ela na companhia de outras mulheres. Reflexões sobre esse modo de fazer história me auxiliam a construir narrativas coletivamente, me apropriar sobre passado e dar ao mesmo significados que importam ao povo negro, pois na História Pública e na História Oral, interessa saber “ O que é que importa na compreensão e no aproveitamento do passado”(FRISCH, 2016, p.65).

Depois de construir as narrativas, intencionava dispor o material em uma plataforma digital para que fosse acessado por outras pessoas e usado como bem entendessem. Queria fazer, mas não sabia como . Yohana Cioti, outra leitora dos nossos textos, indagou como seriam contadas essas histórias. Seriam contadas por episódio? Em um episódio seria possível mesclar as histórias delas?

Preferi um episódio por vez, visto que cada entrevistada possui suas singularidades. E quem sabe consiga, no decorrer do trabalho, dar maior visibilidade às subjetivações delas como faz Margareth Rago no livro *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções das subjetividades*. A historiadora constrói a

trajetória de mulheres perseguidas pela ditadura militar e atuantes em diferentes frentes. Para cada uma delas, a escritora potencializa um modo de subjetivação.

Escutei alguns podcasts enquanto refletia sobre o assunto. Entre eles estão *Vidas Negras*, idealizado e apresentado por Tiago Rogero e finalista do prêmio *Third Coast International Audio Festival*, na série *Best Documentary: Non-English Language*. nos EUA; *Literatura Nas Ondas do Rádio*, fruto de projeto de extensão do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco e *Paciente 63*, podcast original do *Spotify* baseado nos escritos de Júlio Rojas. Esse último indicação de mais uma leitora do meu trabalho: Luciene Mota.

No podcast *Vidas Negras*, no episódio sobre Machado de Assis, o cruzamento entre a leitura de fragmentos da obra do escritor, a voz do entrevistador-narrador e do entrevistado foi algo marcante. Eu quis a voz das entrevistadas e a minha mesclando a leitura de poesia e a contação. No podcast *Literatura Nas Ondas do Rádio*, na série o Auto da Compadecida, os efeitos sonoros e a entonação de voz dos atores presentificavam a cena. Desejei presentificar algumas cenas. Já no podcast *Paciente 63*, percebi: é possível narrar histórias e incluir sons, fazendo quem escuta acreditar que o ambiente onde ocorre a história é uma clínica psiquiátrica. Contudo, devo salientar: o podcast conta com a interpretação de atores: Mel Lisboa e Seu Jorge.

Um pouco depois a colega, Gizele Panza, encaminhou para mim um artigo muito interessante: *A peça radiofônica: vocalidade, escrita e narração* escrito por Mirna Spritzer(2015). Chamou-me atenção, no artigo, algumas características da radionovela que para a autora tem como base: “uma concepção realista em que som, ruídos e vozes ilustravam literalmente ambientes e situações, a radionovela era facilmente assimilada com sua descendente direta, a telenovela” (SPRITZER, 2015, p.346). Elaborei questões: como cruzar a minha voz e a das entrevistadas? Que som, ruídos e vozes estarão presentes na minha narrativa? Que podcast nossas vozes criam?

O meu podcast será um lar. Um lugar onde as mulheres, em especial as mulheres negras, se sintam em casa. De início, não sabia como fazer. Quando Ananda Luz e Gisele Reis, indicaram o conceito de cosmopercepção, cunhado por Oyérónké Oyéwumi, entendi um pouco o modo como o Ocidente condiciona as relações entre as pessoas ao campo da visão e como a compreensão sobre os diferentes sentidos pode redimensionar as interpretações de mundo e as relações.

Nas palavras da autora, cosmopercepção descreve os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo uma combinação de sentidos”(OYEWÚMÍ, 2002,p.3)

Encontrei outro amparo teórico-metodológico no artigo *Pegadas reflexivas acerca da arte de contar histórias: a teia do invisível* escrito por Giuliano Tierno (2010). No trabalho, o contador de história descreve a existência de um lugar de encontro entre quem conta e quem escuta e revela que a contação não acontece dentro de quem escuta ou dentro de quem conta, mas em um terceiro lugar construído durante a narração.

Agora era possível contar histórias no digital, provocar imagens e compartilhar momentos de intimidade. Como?

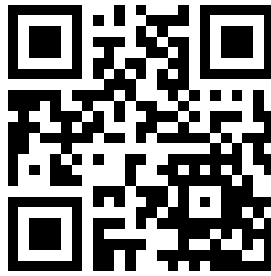
1. Descubra ao ler o QR Code e escutar a apresentação do podcast



2. Saiba ao ler o QR Code e escutar a apresentação de quem faz o podcast.



3. Entenda mais ao ler o QR Code e escutar o episódio“ Seja bem-vinda, Ana Lúcia”.



Apresentei como via o podcast lendo um texto de minha autoria, com fundo musical da canção *A Casa é sua* de *Arnaldo Antunes*; apresentei a mim mesma narrando o meu mito de origem, elaborado durante a especialização em *Narração Artística* sob orientação da professora *Sandra Lessa* e do coordenador *Giuliano Tierno* e da coordenadora *Letícia Liesenfeld* e incluir sons da natureza no áudio; convidei a entrevistada, abri a porta, servi café, li poesia, fui interrompida pelo som de uma música ou de uma moradora; mediei uma entrevista em que a escritora entrevistada narra e eu quase não apareço ou apareço silenciosamente para depois fechar a porta, usar o computador, sintonizar o rádio e contar uma história sobre a escritora.

As gravações não foram publicadas em uma plataforma digital, ainda, mas queria saber o que algumas pessoas acharam da proposta para entender o alcance de alguns dos meus objetivos e/ou aprimorar o trabalho. Além disso, compreendo que um texto oral estabelece uma relação entre quem conta e quem escuta. O podcast é um gênero discursivo oral. Nele há quem converse, conte e há quem escute ou se torne seguidor e até participe da construção de uma comunidade no digital. Então, pedi para algumas pessoas ouvirem os áudios. Mariana Per relatou:

Que delícia ouvir o podcast. Tá delicioso. Que coisa boa. Eu acho muito gostoso quando quem tá perguntando pergunta mesmo. “Eu já vi podcast que a pessoa que está entrevistando ela quer falar mais do que o entrevistado, né?(risos). E esse é o meu maior medo assim nessas conversas. Você entrevistou muito bem. Essa chegada tá deliciosa. Quem vai chegar? Vixe! Será que é minha mãe? É a tia que é igual à mãe? Vai chegar mesmo! Mesmo que eu tenha dito para não vir. O bater na porta....

Eu acho que aí tem dois começos, né? Nos podcasts que tenho ouvido é... tem esse ritualzinho de chegada, né? Como a gente faz com as histórias também. Eu acho que você tem dois esse do olha quem tá chegando, abrir a porta é um e o do café é outro. Tem dois. Pode ser a escolha ficar com dois, pode ser a escolha manter com um só.

Eu acho, meu bem, do que eu poderia colaborar é só isso. Delícia de começo... de discussão que é muito próxima de nós que me dá curiosidade de saber mais dela, de me debruçar na pesquisa dela, de poder vislumbrar a entrevista pra onde que ela vai. E esse mestrado aí? E essas mulheres abolicionistas aí? Sei lá, eu fico feliz.

Ah! Uma coisa que eu ouvi do outro podcast que eu acompanho sempre. Talvez um episódio, o primeiro antes de ser uma entrevista, também foi um episódio um pouco maior. O dela nem é uma entrevista, na verdade. É um monólogo dela dando opinião sobre as coisas, mas, ouvir, saber o porquê que você escolheu fazer esse podcast. Eu acho que saber de você, o que te impulsiona a essa entrevista...a iniciar esse projeto. É gostoso. Humaniza, sabe? Quem que é essa pessoa aí que faz perguntas? Por que que ela faz essas perguntas? E sabendo quem é que pergunta e porque que é que ela faz essas perguntas. E sabendo quem é que pergunta e porque que é que pergunta, quando eu for ouvindo as entrevistas, eu vou entendendo suas escolhas, sabe? E talvez lembrar isso antes... sempre antes de todo podcast que é uma coisa que a moça que escuto faz.

É isso, meu bem. Eu acho que a gente saber de você também é importante. Por que que para você é importante dar a voz para essas mulheres? Preta que conta. Conta, preta! Por que que você quer que a preta conte? Por que são pretas não são brancas? São coisas óbvias, mas que é gostoso de saber. É gostoso de saber da sua voz, do seu sotaque. Por que essa preta conta e quer ouvir outras pretas que contam? Saber de você, me aproximar de você para quando eu entrar na entrevista estar entrando mesmo nessa porta que se abre e não é a tia, é a convidada. Eu sei em que casa que ela está chegando, sabe? Talvez esse cenário da casa. Que casa que é essa que eu chego? Eu sou a preta que conta e não me conto sozinha.

Aproximar a gente de você é gostoso. Que dia que vai para o ar?

Quem é o público do seu podcast? Ponto número um. Mulheres negras que de alguma forma já se relacionam com literatura. Essas mulheres, elas já sabem que o mercado é foda. O mercado é branco. A gente não tem dinheiro para publicar como essa moça aí que eu esqueci o nome vai fazer e-book porque não tem que imprimir. Diminuí gastos, mas isso.. Essa comunidade nossa de mulheres pretas escritoras a gente já sabe. A gente não sabe quem você é. A gente não sabe o que é que tem em você que te provoca tanto a ponto de criar um podcast que também se parece comigo. Dessas coisas que a gente não diz para todo mundo. Coisa de terapia, sabe? Tipo, gente, eu quero conta preta que conta porque um dia alguém não quis abrir a boca para eu falar. E aí a gente dizer esses medos, né? Eu acho que rede social ela tem criado esse lugar que é a gente entender que nas intimidades a gente se parece também.

Não tenha medo não de se mostrar . Não se esconde. Porque às vezes, se escondendo, você faz igual a todo mundo, a gente acaba tendo o que todo mundo tem que são as análises críticas, as análises sociais e as análises raciais. Isso tá dado para a maioria de nós, principalmente para esse público seu que vai ouvir o podcast, sabe?

Ser íntima de uma mulher que tem coisas que parecem comigo pode parecer no podcast quando ela abre a porta da casa dela.

(Transcrição de mensagem de áudio enviada via WhatsApp por Mariana Per no dia 13 de agosto de 2023)

Sobre o comentário da querida Mariana Per, fiquei feliz porque: o ritual de chegada gerou expectativas; partilhamos a mesma sensação que a narrativa da entrevistada foi valorizada; e o conteúdo do podcast colaborou para que Mariana se sentisse em casa. Além disso, gosto de saber das sensações diferentes provocadas na ouvinte. Para ela são duas chegadas. Para mim é somente uma chegada acompanhada do oferecimento de um café.

No tocante às motivações para elaboração do podcast e quem é a podcaster, confesso: para o trabalho de conclusão de curso havia pensado somente em editar uma entrevista. Quando Mari indagou, lembrei de ser gentil com as pessoas que lerão o trabalho. O Giuliano Tierno sempre pede para sermos gentis com os leitores. Então, incluí um áudio apresentando a *Casacast Conta, preta! Conta!* Um áudio sem análises sociais, raciais ou científicas, como aconselhou Mari, mas algo leve, afetivo e bem humorado e acrescentei outro áudio narrando o mito de origem construído durante o curso. É uma forma de me apresentar que pode não responder muitas questões, mas dizem um pouco sobre quem sou: uma contadora de histórias periférica, uma mulher preta com ascendência negra e indígena de etnia desconhecida, uma mulher de terreiro, uma escritora que acredita na palavra que cura, uma sonhadora.

Ana Lúcia, a entrevistada no episódio I, também, comentou o que achou:

“Eu ouvi o podcast. Achei lindo. A edição como ficou bem acolhedor. E o texto final muito lindo. Gostei muito dos efeitos... da edição. Achei que casaram muito. Gostei da ideia mesmo de estar saindo para ir encontrar você para uma conversa. Achei bem executada a edição. Gostei bastante”.

“Ouvi como uma ouvinte porque como você está produzindo deve ter um outro olhar. Enfim, é isso”.

“Tô muito emocionada! Muito emocionada com o áudio que você fala da minha trajetória. Muito lindo. Você transformou minha história em poesia. Transformou minha trajetória numa contação de história. Achei lindíssimo”.

(Transcrição de mensagem de áudio encaminhada via mensagem de WhatsApp por Ana Lúcia nos dias 13 e 15 de agosto)

O retorno cheio de afetividade de Ana Lúcia, a admiração da autora frente a contação da história dela remete a um dos objetivos gerais do podcast: valorizar narrativas negras e ser espaço de nutrição para escritores e escritoras negras. Além disso, gosto demais de ver minhas iguais felizes. Fico feliz também.

Cássia Dias, amiga e ex-colega do Mestrado em História e Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), teve acesso ao áudio do meu mito de origem. Ela relatou:

“Oi, Kali. Ouvi aqui. Gostei da história. Deu para entender direitinho. Como se fosse um conto, não é isso? Pelo o que entendi algo que foi lido quando você era pequena... E foi passando de geração em geração. É... agora tem uma parte logo no início que caiu alguma coisa e tem um som de fundo. Você poderia tentar colocar uma música no fundo. Uma música que você vai narrando e o som vai passando. Igual como você coloca o som de ventania. Essas coisas. Poderia ser uma música, uma música tranquila. E aí você iria contando e a música no fundo. Não sei...Mas, de modo geral, eu achei bom, achei bem legal. Viu?”

(Transcrição de mensagem de áudio enviada via WhatsApp por Cássia Dias no dia 04 de setembro de 2023)

Cássia Dias escutou apenas a gravação do áudio referente ao meu mito de origem. Durante o mestrado, ela sempre se mostrou disposta a ajudar. E depois do curso, age do mesmo modo. Ela ouviu o áudio questionando como poderia ajudar. Sua fala é mais uma oportunidade de frisar: tenho consciência sobre os sons incluídos propositalmente e aqueles que foram registrados por realizar uma gravação no meu lar. Esse é um dos motivos que me fez pensar no podcast como uma casa. Em uma casa tem gente transitando, tem sons e muito mais. Inclusive, na abertura, relatei que o podcast era uma *casacast* e no episódio I, incluir sons que dão a sensação de estarmos em casa: porta que abre, café sendo servido, o som de uma música e a sintonização de um rádio interrompendo a entrevista.

Larissa Pereira, escritora, educadora e amiga que acompanha meus projetos, relatou:

“Amiga, me deu vontade de ler tudo o que essa moça faz. Arrasou! Eu já tinha visto, inclusive, uma foto de Ana. Acho que...Foi alguma coisa. Não sei se foi você mesma que postou. E Maria Firmina...fiquei super curiosa, né? Aí agora! Nossa que vontade de ler”

“Gostei muito, gostei muito da proposta, gostei muito da inserção. Acho que o ruído é um pouco exagerado antes da transição. Não sei

se faz parte ou se é intencional porque já vi alguns formatos intencional, mas de modo geral é...A condução da narrativa das perguntas tudo muito importante saber. E o final, quando você faz o resumo, achei que no final tem alguma coisa que ficou assim no ar. Mas, um conteúdo excelente. Eu tô bastante feliz”.

“A última frase...mas, a última fala tem alguma coisa que eu achei que é uma historinha sobre essa pessoa, né? Dos meninos que não querem largar ela. Acho que é isso. Talvez porque eu esteja...É ... Eu voltei pra o texto. Então eu fui com o olhar meio pragmático, mas esse olhar do final é um olhar meio de reticências, mas eu colocaria uma avaliação. E isso é bom demais ou que massa isso. Não necessariamente nessas palavras”.

“Eu adorei esse negócio de casa. Adorei. Me senti dentro de casa inclusive. E vi tia Maria, minha mãe. Olha: as referências é de uma delicadeza como sempre você faz. Lindo ó”.

(Transcrição de mensagem de áudio encaminhada via WhatsApp por Larissa Pereira no dia 31 de agosto de 2023)

Foi bom demais saber que a escuta gerou vontade de ler Ana Lúcia e Maria Firmina dos Reis porque o desejo provocado em Larissa envolve quatro dos objetivos do podcast: divulgar autorias negras do sul da Bahia; ser espaço de nutrição para escritores e escritoras negras; compartilhar repertório literário com educadores e educadoras antirracistas e colaborar com o letramento racial dos ouvintes.

O ruído do qual Larissa se refere é o som da sintonização de rádio. Talvez tenha me demorado nele, mas por hora não tenho como alterar a edição novamente. De todo modo, acho que não prejudica o trabalho.

Sobre a sugestão de elaborar um comentário avaliativo da história criada para a contação da história de Ana Lúcia, discorri: “a avaliação vem do modo como você sentiu a história. Você avaliou como legal a afinidade dos meninos. Outras pessoas podem ouvir outras coisas”. Ela respondeu: “Sim. É um elemento que não se apresenta, né? Entendi. Não cabe na sua história. Porque sua história não é um comentário, a sua história é uma história. Concordo. É isso mesmo”.(Transcrição de conversa realizada via áudio de WhatsApp no dia 31 de agosto de 2023)

Larissa Pereira se sentir dentro de casa compartilhando espaço com pessoas de sua intimidade também me animaram. Porque é isso: um podcast pode ser uma casa.

4. Questões são bússolas ou considerações finais

Retomo questões iniciais que me levaram até aqui : a) “como narrar histórias de mulheres negras?”; b) “Seria o ato de narrar histórias no podcast uma forma de democratizar o acesso e preservação da memória e da oralidade?”; c) “como editar os áudios de um podcast elaborado como parte de um trabalho de conclusão de curso em Narração Artística? d) “Quais as atualizações e diferenças no modo de narrar histórias em uma plataforma digital? Para as questões, tateei possíveis respostas que são mais orientações para materialização do projeto do que resultados conclusivos. As reflexões podem ser óbvias para a academia, entretanto colaboram com meu processo formativo. Vejamos:

a) Dando visibilidade a narrativas que desconstróem esterótipos e combatem discriminações direcionadas à mulheres negras; colaborando para pôr em evidência modos de ser e existir; multiplicando e potencializando vozes que colaborem com a elevação da nossa autoestima.

b) Ao acessar o texto, ler o QR Code e ouvir os áudios disponíveis, as pessoas estarão em contato com memórias de mulheres negras construídas coletivamente. Essa é uma forma de preservar memórias. Sobre a democratização do acesso ao trabalho, acredito: no dia em que colocar a *Casacast* em plataformas digitais estarei colaborando para.

c) Tendo como referência técnicas da radionovela, do podcast e referenciais da Contação de História, Educação Antirracista, Literatura e História Pública.

d) A arte de contar histórias sofre alterações em seu processo de gravação, edição e disposição do arquivo no digital; traz para perto características da radionovela e uma acentuada necessidade das entonações, pausas e repetições darem corpo a voz; exigiu a constituição de uma oralidade que demanda a elaboração de um roteiro de entrevista e a realização de encontros entre o escrito e o oral.

No mais, continuamos nos entretendo, aprendendo e ensinando a partir da oralidade, da criação e da preservação da memória que pode ocorrer, com menor frequência, a partir de conversas ao pé de uma fogueira ou ao ouvir uma emissora de rádio e, com maior frequência, via podcast.

Porém, há outras diferenças: no podcast, os programas de áudios são disponibilizados de modo atemporal e direto. Os ouvintes não estão presos a horários. Eles podem ouvir os episódios quando quiserem. Além disso, o espaço partilhado

entre ouvinte e locutor existe no digital. Não há encontro face a face. Não é como narrar uma história ou ouvir uma entrevista em uma praça pública.

Apontei como uma das minhas expectativas refletir sobre os pontos de encontro e sobre o que aprendi escutando as entrevistas (questão da qual pensamos eu e Luciene Mota). Até aqui, aprendi ampliando minha consciência sobre a construção de territórios de solidariedade e fortalecimento ocorridos quando ocupamos os livros, as feiras literárias, a academia, as escolas e as redes sociais.

Sobre Ana Lúcia, uma mulher que sabe o que quer, abri a porta, conversei com ela e bebi um pouco da sua resiliência. Em um momento de dificuldade financeira, ela abraçou o que tinha: a sua arte e solucionou problemas financeiros. E, inclusive, narrou a experiência com convicção, otimismo e alguns risos.

Retomo também o Ba(2010), para pensar a palavra como materialização da ação, da potência e da força que fazem Larissa e Mariana Per desejarem conhecer um pouco mais sobre Ana Lúcia ou se sentirem em casa ao ouvirem as gravações. Colaboram para que Ana Lúcia se sinta emocionada. Me incentivam a fazer o que gosto: multiplicar vozes para alcançar ainda mais pessoas, construir e preservar memórias, tornar pública para mais pessoas histórias do povo preto.

Bibliografia

BÁ, Hampatê. Tradição Viva. In: **História Geral da África**, I: Metodologia e Pré-História da África/editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2º ed.rev. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e o subtexto. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Rosado Isabella (orgs). **Escrevivência** : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1º ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA, Helena Maria; VILLARTE- NEDER. **O Podcast como gênero discursivo**: oralidade e multisssemiose aquém e além da sala de aula. In: Letras, Santa Maria, Especial 2020, n. 01, p. 35-55.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.~45

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou De A shared Authorit à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Rabelô Juniele de (orgs). In: **História pública no Brasil**: Sentidos e Itinerários. SP: Letra e Voz, 2016, p. 57 a 70.

NQM COMUNICAÇÃO. **Brasil é o país que mais consome podcast no mundo.** In: <https://paranashop.com.br/2023/04/brasil-e-o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>. Acesso em 01/09/23.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body:** Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento. In: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf. Acesso em 01/08/2023.

PROJETO DE EXTENSÃO RÁDIO NOVELA: Literatura nas Ondas do Rádio se propõe a levar educação e conscientização para estudantes. In: https://www.ufpe.br/proexc/noticias-da-proexc/-/asset_publisher/vtYtuyaix8uw/content/projeto-de-extensao-radionovela-literatura-nas-ondas-do-radio-se-propoe-a-levar-educacao-e-conscientizacao-para-estudantes/40659. Acesso em 2008/2023.

PICHONELLI, Matheus. **Autor de podcast 'Paciente 63' usou pandemia para criar mundo apocalíptico.** In: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/12/02/autor-de-audiosserie-paciente-63-fala-sobre-mundo-em-quarentena.htm> Acesso em 20/08/23.

SANTOS, Celina. **Palmas.** Diário da Bahia. In: <https://diariobahia.com.br/palmas-22/>. Acesso em 08/06/23.

SOARES, Esdras; RUIZ, Tereza. **Nasci rodeada de palavras.** In: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/2402/nasci-rodeada-de-palavras>. Acesso em 08/06/23.

TIERNO, Giuliano. Pegadas reflexivas sobre a arte de contar histórias. In: **A arte de contar histórias:** abordagens poéticas, literária e performática. IN: TIERNO, Giuliano (org). 1º ed. SP: Ícone, 2010.

VIDAS NEGRAS. In: <https://radionovelo.com.br/noticias/vidas-negras/>. Acesso em 20 de agosto de 2023.

